

EDUCANDO PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS: CLASSE HOSPITALAR.

Francisca Gonçalves de A. e Silva*
Faculdade de Ensino Superior (FAESPI)
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos**
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

INTRODUÇÃO

A Pedagogia Hospitalar vem se expandindo no atendimento à criança hospitalizada. A visão humanista que muitos dos hospitais do Brasil procuram enfatizar na sua prática vem demonstrando que não é só o corpo que deve ser “olhado”, mas o ser integral, suas necessidades físicas, psíquicas e sociais. Convém ressaltar que

Para além das necessidades emocionais e recreativas, é preciso destacar necessidades intelectuais da criança [...] se trata de reconhecer que os processos que organizam a subjetividade, organizam e são organizados por efeito de aprendizagem. A aprendizagem é sempre e reciprocamente psíquica e cognitiva, daí os processos psíquicos determinarem a cognição. O atendimento pedagógico hospitalar favorece o desenvolvimento da pessoa, que não deve ser interrompido em função de sua hospitalização (CECCIM, 1990, p.41).

Mesmo estando em condições especiais de tratamento e saúde, crianças e adolescentes têm o direito de desfrutar de atividades pedagógicas com acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência no hospital. Dessa forma, é preciso deixar claro que a hospitalização não implica necessariamente qualquer limitação ao aprendizado escolar.

Esse direito é garantido oficialmente pela Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994 e 1995), aparecendo como modalidade de ensino e de onde decorre a nomenclatura de *classe hospitalar*. No entanto, o acompanhamento da criança em classe hospitalar é de caráter temporário. Findado o tratamento de saúde, no momento em que recebe alta hospitalar, a criança é encaminhada à escola de origem e a contribuição do atendimento em classe hospitalar é essencial para sua reintegração ao sistema regular de ensino.

A partir destas reflexões iniciais, o presente artigo pretende, através de crítica teórica fundamentada em revisão bibliográfica sobre a temática e de uma pesquisa de campo realizada em um hospital de Teresina – PI, realizar um diagnóstico do atendimento ao educando com necessidades especiais em classe hospitalar.

* Pedagoga e pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí - FAESPI

** Pedagoga, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e mestranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: sand__ramos@hotmail.com

Num primeiro momento, o estudo discorre sobre a importância da classe hospitalar como promotora de um encontro significativo entre saúde e educação. A seguir, descreve-se a experiência de uma pedagoga, auxiliar de enfermagem, em seu trabalho de implantação do atendimento pedagógico no hospital em que trabalhava. E, finalmente, busca-se refletir sobre as possibilidades de um novo “fazer” pedagógico em classe hospitalar, em busca da elucidação dos impasses e entraves que impedem a sua realização.

Para tanto, autores como Ceccin (1999), Fonseca (2003), Funghetto, Freitas e Oliveira (1999), Viktor (2003) e Sousa (2005), assim como a análise de documentos oficiais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Plano Nacional de Educação Especial deram fundamento a essa crítica teórica.

Saúde e Educação: um encontro significativo na classe hospitalar

Crianças e adolescentes enfermos, que são atendidas em hospitais e instituições, devem ter garantido os seus direitos por se encontrarem em uma situação especial, uma vez que a doença não tem sido considerada por nossa sociedade como um evento de passagem e, sim, como um evento que se traduz numa marca de incapacidade.

Durante a hospitalização a criança sofre um distanciamento de seus laços familiares e sociais, esboçando-se um novo cenário, o hospital e seus procedimentos clínicos. Assim esse estudo propõe refletir acerca de um suporte que permita a criança continuar participando do processo educativo, aprendendo e se desenvolvendo, já que após a alta hospitalar, sua vida social continuará em um permanente processo de interação.

O atendimento educacional hospitalar representa esse suporte. A impressão de não interrupção dos processos educativos promovida pelo atendimento pedagógico hospitalar tem ajudado a reverter o quadro clínico de crianças hospitalizadas, pois estas não se sentem incapazes intelectualmente, fato que eleva sua auto-estima e sua vontade de se recuperar. Afinal, a hospitalização dessas crianças não deve comprometer o seu desenvolvimento cognitivo, e sobre isso convém ressaltar:

O principal efeito do encontro educação e saúde para uma criança hospitalizada é a proteção do seu desenvolvimento e a proteção dos processos cognitivos e afetivos de construção dos aprendizados (CECCIM, 1990, p.43).

É importante considerar que o ambiente hospitalar é aquele onde existe dor, debilidade orgânica e necessidade de muito repouso. Neste ambiente coabitam vidas que se encontram

em estado de conflito gerado pela enfermidade. O atendimento pedagógico hospitalar contribui também para que esta criança, procurando superar suas limitações orgânicas através das atividades pedagógicas sugeridas, acredite que é capaz de melhorara a cada dia.

A construção de uma pedagogia para crianças hospitalizadas, enfatiza o direito de ser criança, poder brincar, viver experiências significativas de forma lúdica, informal e o direito de estudar e aprender de forma mais sistematizada. O desenvolvimento dessas atividades pedagógicas permite que a criança não interrompa seu desenvolvimento escolar e sobre isso vale salientar:

A internação hospitalar em nada impede que novos conhecimentos e informações possam ser adquiridos pela criança ou jovem e venha a contribuir tanto para o desenvolvimento escolar (não ficando em defasagem nos conteúdos de seu grupo ou turma) quanto para o entendimento de sua doença e a sua recuperação de sua saúde (FONSECA, 2003, p. 13).

Avaliando o trabalho realizado pela classe hospitalar, percebe-se que as crianças internas em acompanhamento pedagógico melhoram seu estado clínico e abreviam o seu tempo de internação, quando comparadas a outras crianças que não tiveram esse tipo de atendimento.

O acompanhamento pedagógico e escolar da criança hospitalizada favorece a construção subjetiva de uma estabilidade de vida não apenas como elaboração psíquica da enfermidade e da hospitalização, mas, principalmente. Como continuidade e segurança diante dos laços sociais da aprendizagem (relação com os colegas e relações de aprendizagens medidas por professor), o que nos permite falar de uma escola “hospitalar” ou de uma “classe escolar” em ambiente hospitalar (CECCIM, 1990, p.42).

Fica claro que há uma “estreita relação” entre saúde e educação quando se pensa no contexto do ambiente hospitalar. A classe hospitalar torna-se um espaço de encontro muito significativo para a criança hospitalizada. As atividades lúdicas, que nesse contexto ganham um valor pedagógico, tornam o ambiente hospitalar menos frio e mais acolhedor. Portanto,

Propiciar a escolarização da criança hospitalizada também é compreender o seu desenvolvimento, levando em consideração o seu estado clínico, suas necessidades e suas vivências anteriores [...] observamos que além das atividades oferecidas, o brincar aparece em todos os momentos: no leito, na pracinha, no corredor, na hora da injeção, nos tratamentos médicos, reforçando a idéia de que o brincar é importante não só em atividades pedagógicas programadas, ele deve ser compreendido e propiciado em um sentido mais amplo (FUNGHETTO, FREITAS, OLIVEIRA, 1999, p. 46).

Falar dessas experiências sugere uma aproximação com a prática do atendimento em classe hospitalar. Infelizmente não são muitas as experiências desse tipo de trabalho. Esse também é um motivo reforçador desta análise.

A experiência de uma classe hospitalar em um hospital de Teresina-PI

A professora Francisca Maria de Sousa¹ tem vivenciado uma experiência muito singular e positiva no Hospital Lucídio Portela em Teresina - PI. No acompanhamento de crianças enfermas, seu trabalho naquele hospital como auxiliar de enfermagem ganhou uma dimensão muito maior, graças a sua sensibilidade em perceber a falta que àquelas crianças sentiam da escola e a ansiedade gerada pela internação.

Voluntariamente, Francisca iniciou um atendimento pedagógico às crianças em idade escolar que tinham que permanecer internadas por um longo tempo no hospital. Decidiu fazer pedagogia e ficou muito feliz ao descobrir que esse tipo de serviço educacional hospitalar era previsto pelo sistema educacional e que poderia ser sistematizado e veiculado em um projeto de atendimento. Em maio de 2000, decidiu elaborar um projeto e aplicá-lo no Hospital Lucídio Portela, hospital público que atende a uma clientela de baixa renda. O objetivo do projeto seria o de colaborar de forma intencional e lúdica com o desenvolvimento sócio-cognitivo, psicológico e cultural da criança com internação prolongada.

No hospital, a criança internada é acompanhada pela mãe, pelo pai ou por um responsável. À medida que o quadro clínico da criança evolui, a mesma sente uma natural vontade de voltar as suas atividades diárias (ir para a escola, brincar com os colegas, entre outras).

O procedimento de inclusão da criança internada no atendimento pedagógico hospitalar inicia-se com uma entrevista com o acompanhante a respeito do estado de saúde e do desempenho escolar da criança. Após a entrevista, a criança é convidada a participar da classe hospitalar onde são desenvolvidas diversas atividades pedagógicas. É feita uma avaliação das condições cognitivas e do desenvolvimento de algumas habilidades através de atividades lúdicas de recorte e colagem, pintura e desenhos livres. As crianças que já conseguem ler e escrever são orientadas a realizar produções textuais a partir de gravuras e operações matemáticas.

As crianças incluídas no programa relatam que esse é um dos melhores momentos do seu dia no hospital e sentem melhorar o seu estado de saúde por estarem estudando.

¹ Auxiliar de Enfermagem, Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia e Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Os pressupostos do programa apóiam-se no princípio de que a criança precisa ser estimulada a criar e a desenvolver-se mesmo em meio a situações adversas. O enfrentamento do estado de enfermidade acontece mais naturalmente através da construção de um mundo novo de perspectivas proporcionado pelo atendimento na classe hospitalar.

O ambiente da classe hospitalar também é diferenciado dos demais ambientes do hospital, é acolhedor, cheio de estimulações visuais, brinquedos, jogos, um ambiente alegre e colorido. A classe hospitalar, através da experiência do brincar, oferece aos enfermos uma maneira de viver a situação de doença, de forma criativa e positiva, diminuindo o risco de comprometimento na saúde mental das crianças.

O Hospital Infantil Lucídio Portela é o único em Teresina a ter atendimento pedagógico hospitalar. A classe hospitalar funciona de segunda a quinta de 8:30 às 11:00 e de 14:00 às 15:40h. Atualmente, o trabalho é bem aceito pelos funcionários e por toda a equipe médica. Esse atendimento pedagógico assiste todo tipo de criança, indistintamente, independentemente de suas condições, desde que tenha acima de seis anos de idade.

Caso não possam ir até a sala de acompanhamento pedagógico (classe hospitalar) por restrições médicas, as crianças são visitadas no leito e motivadas pelo educador através de historinhas, revistas, brinquedos, jogos, dentre outras atividades.

Em 13 de maio de 2005, o Hospital foi presenteado pelo Governo do Estado com as instalações de uma brinquedoteca que recebeu o nome de Suyllam Carla, em homenagem a uma criança que sofria de leucemia e que passou por um prolongado tempo de internação antes de vir a falecer.

O espaço destinado a brinquedoteca é amplo e arejado, as paredes são coloridas, o piso é coberto por grama artificial. O ambiente assemelha-se ao de uma sala de educação infantil acrescida de um grande acervo de brinquedos, jogos educativos, TV e DVD. Salienta-se, ainda, que o paciente tem a liberdade de escolher se quer ou não participar das atividades na classe hospitalar.

Em busca de um novo “fazer” pedagógico em classe hospitalar

No tempo em que foi elaborado o projeto de atendimento em classe hospitalar do Hospital Infantil Lucídio Portela, as dificuldades foram inúmeras. Não havia recursos humanos, financeiros ou materiais que articulassem esse atendimento com a qualidade idealizada pela professora Francisca. As crianças eram atendidas nos corredores do hospital e as pessoas que auxiliavam no trabalho pedagógico eram voluntárias.

No entanto, naquele tempo, as atividades eram coordenadas de forma a dar suporte e continuidade ao trabalho escolar das crianças atendidas. O planejamento tinha o objetivo de reintegrar as crianças à sua escola de origem, no momento em que ganhassem alta hospitalar, sem maiores traumas nesse processo de reabilitação.

No momento da alta, a criança levava consigo todas as atividades realizadas na classe hospitalar, acompanhadas de um relatório da professora Francisca (agora formada em psicopedagogia) com as informações inerentes à aprendizagem e desenvolvimento da criança durante o período de internação. A recomendação era que todo esse material fosse encaminhado à escola da criança para que pudessem ser considerados pela equipe pedagógica com fins avaliativos do desempenho escolar da mesma.

Atualmente, esse procedimento não é o mesmo. O afastamento temporário da professora responsável pelo projeto, em decorrência de uma licença para estudos e formação em curso de Mestrado em Educação, mudou um pouco o foco de atuação da classe hospitalar. O caráter das atividades passou a ser mais lúdico do que com fins de aprendizagem sistemática.

O que se pretende com a descrição do trabalho realizado na classe hospitalar deste hospital de Teresina, é salientar alguns pontos da ação pedagógica do professor em classe hospitalar que jamais poderão ser esquecidos.

Embora, o professor da classe hospitalar não interfira no acompanhamento clínico das crianças, ele não se afasta do seu papel pedagógico e tem como função neste novo “fazer” pedagógico, facilitar as relações entre a criança e a classe hospitalar.

Este educador figura como um facilitador no processo de superação da doença pela criança. Quando escuta a criança, dialoga com ela e a faz compreender que o momento de convalescença é passageiro, é superável e suportável. Esta criança vai acreditando na sua recuperação a medida em que sente vontade de fazer alguma atividade pedagógica. A voz do professor ganha um outro significado quando consideramos o que diz Sexton (1996) quando ressalta o poder da fala, cuja melodia e sonoridade envolvem o interlocutor.

Este novo “fazer” pedagógico na classe hospitalar, implica ao professor “enxergar” essa criança interna em suas múltiplas dimensões, considerando a realidade existencial na qual se encontra: longe da família, dos brinquedos, da escola, dos amigos e de sua vida social.

O papel do professor extrapola a dimensão estrita do “fazer” pedagógico e trabalha também o psicológico dessa criança que se encontra num estado melancólico e depressivo, cheio de perguntas sem respostas, doente sem saber por quanto tempo, ou se sairá desse quadro clínico.

Além disso, para o professor, a educação na classe hospitalar é uma fonte de aprendizagem constante, propiciada pela observação e escuta das necessidades da criança. Conseqüentemente, desde que este considere o quadro clínico e as limitações geradas pela internação, será possível adequar os componentes curriculares e as estratégias pedagógicas às individualidades de cada criança.

Para a professora Francisca (2005), é preciso

[...] perceber a criança no ambiente hospitalar, não apenas para recomposição do organismo doente pelo viés da realidade biológica, mas também capaz de atender os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores, [...] tarefa inovadora e propiciadora de surgimento de enfoques cada vez mais consistentes na área da escola hospitalar (SOUSA, 2005, p.6).

O professor com esse novo “fazer” pedagógico ajudará a criança a compreender o que se passa com ela. A criança reage diferentemente de acordo com o ambiente onde ela se encontra. As experiências e as formas como a criança reage são também diversas de criança para criança. Dessa forma, podem-se esperar reações diferentes no enfrentamento da situação de internação por crianças hospitalizadas. O papel do professor é o de ajustar a criança a essa nova realidade considerando essas individualidades.

A forma de vivenciar a experiência de internação, quando se proporciona à criança a experiência da classe hospitalar, ganha outro significado: a criança passa a compreender as coisas de uma outra forma, incluindo-se aí, a doença e o tratamento médico (EISER, 1989).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECCIM, Ricardo Burg. Classe Hospitalar: encontro de educação e saúde no ambiente hospitalar. **Revista Pátio**. Ano 3. Nº 10. Agosto. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

EISER, C. Children's concepts of illness toward an alternative to the Stage approach. *Psychology and Health*, 1989.

FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. São Paulo: Memnon, 2003.

FUNGHETTO, Suzana Schwerz; FREITAS, Soraia Napoleão; OLIVEIRA, Valeska Fortes. Classe Hospitalar: uma vivência através do lúdico. **Revista Pátio**. Ano 3. Nº 10. Agosto. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

SEXTON, H. Emotional preparation for hospitalization. *American Surgeon*, 1996.

SOUSA, Francisca Maria. *Aprendizagem e desenvolvimento escolar em criança hospitalizada: uma abordagem psicopedagógica*. Anais do XVII EPENN. Belém (PA), 2005.

VIKTOR, Mariana. Educador de Plantão. *Revista Educação*. Ano VI, Nº 71, Mar, 2003.